



CÁRCERE FEMININO E AQUILOMBAMENTO: CONSTRUINDO ESPAÇOS COLETIVOS DE AFETO

FEMALE PRISON AND “AQUILOMBAMENTO”: BUILDING COLLECTIVE SPACES OF AFFECTION

PRISIÓN FEMENINA Y “AQUILOMBAMENTO”: CONSTRUYENDO ESPACIOS COLECTIVOS DE AFECTO

Elias Fernandes Mascarenhas Pereira¹

Roberto dos Santos Silva Junior²

Karoline Santos do Nascimento²

RESUMO

Em uma perspectiva interseccionada, as mulheres pretas são aquelas com maiores chances de experimentar as faces devastadoras do encarceramento massivo e suas reverberações. Em meio a tantas perdas subjetivas e materiais vivenciadas por essas mulheres, torna-se necessária a criação de espaços de resistência e de construção de afetos dentro do cárcere. Assim, a experiência ora relatada tem por objetivo apresentar a construção coletiva de oficinas multitemáticas em uma Cadeia Pública Feminina, no sertão de Pernambuco, intituladas como Quilombo no Cárcere. Nesse contexto, o aquilombamento surge como estratégia de cuidado que rompe com as lógicas coloniais de subjugação e extermínio, tão presentes nas prisões, e oferece a construção de espaços coletivos de afeto e a produção de novas aprendizagens para todos os atores envolvidos. Como principais resultados dessa experiência, têm-se a reflexão e produção de conhecimento acerca dos papéis de gênero, da violência, da raça e a promoção do autocuidado e da solidariedade entre mulheres encarceradas. Deste modo, as oficinas se mostraram como alternativa viável e potente para auxiliar as participantes no enfrentamento às adversidades do cárcere e no processo de reinserção social extramuros.

Palavras-chave: Prisões; Mulheres; Autocuidado; Quilombos; Saúde mental.

ABSTRACT

In an intersected perspective, black women are those most likely to experience the devastating faces of mass incarceration and its reverberations. In the midst of so many subjective and material losses experienced by these women, it is necessary to create spaces of resistance and the construction of affections within the prison. Thus, the experience reported here aims to present the collective construction of multi-thematic workshops in a Female Public Prison in

¹Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Mestre em Ciências da Saúde e Biológicas pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Coordenador do Projeto de Oficinas Lúdicas no Cárcere (PROOLUD – Reeducar), Petrolina-PE. E-mail: eliasmasc12@gmail.com.

²Graduandos em Psicologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco.



the hinterland of Pernambuco, entitled as quilombo in prison. In this context, tackling emerges as a care strategy that breaks with the colonial logic of subjugation and extermination so present in prisons and offers the construction of collective spaces of affection and the production of new learning for all actors involved. The main results of this experience are the reflection and production of knowledge about the roles of gender, violence, race and the promotion of self-care and solidarity among incarcerated women. Thus, the workshops proved to be a viable and powerful alternative to assist participants in coping with the adversities of prison and in the process of social reintegration outside prison.

Keywords: Prisons; Women; Self-care; Quilombos; Mental health.

RESUMEN

En una perspectiva interseccionada, las mujeres negras son las que tienen más probabilidades de experimentar las caras devastadoras del encarcelamiento masivo y sus reverberaciones. En medio de tantas pérdidas subjetivas y materiales experimentadas por estas mujeres, es necesario crear espacios de resistencia y construcción de afectos dentro de la prisión. Por lo tanto, la experiencia aquí relatada tiene como objetivo presentar la construcción colectiva de talleres multitemáticos en una Cárcel Pública Femenina, en el interior de Pernambuco, titulada “Quilombo no Cárcere” (“Palenque en la Cárcel”). En este contexto, el llamado “aquilombamento” surge como una estrategia de atención que rompe con la lógica colonial de subyugación y exterminio, tan presente en las cárceles, y ofrece la construcción de espacios colectivos de afecto y la producción de nuevos aprendizajes para todos los actores involucrados. Los principales resultados de esta experiencia incluyen la reflexión y la producción de conocimiento sobre los roles de género, la violencia, la raza y la promoción del autocuidado y la solidaridad entre las mujeres encarceladas. De esta manera, los talleres demostraron ser una alternativa viable y poderosa para ayudar a los participantes a enfrentar las adversidades de la prisión y en el proceso de reintegración social fuera de los muros.

Palabras clave: Prisiones; Mujeres; Autocuidado; Quilombos (Palenques); Salud Mental.

INTRODUÇÃO

Além de problemas já conhecidos do sistema penitenciário brasileiro, como a superlotação, a violência policial, as instalações precárias e as condições insalubres, mulheres ainda lidam com questões específicas relacionadas às desigualdades de gênero que produzem feminilidades, como gestação, parto e puerpério, em presídios inadequados para essas vivências, e a própria estrutura patriarcal, a qual imprime punições sociais para além das penas jurídicas (BRASIL, 2017; GONÇALVES; COELHO; VILAS BOAS, 2017).

Entre as condenações sociais às quais as mulheres são submetidas, destacam-se a fragilização dos vínculos familiares, a solidão afetiva da mulher encarcerada e o julgamento moral baseado nos papéis de gênero: não ser uma boa mãe, não ser uma boa esposa, não ser uma boa filha (BRASIL, 2017; GONÇALVES; COELHO; VILAS BOAS, 2017). Em meio a



todo esse cenário de vulnerabilidades enfrentado no cárcere, o pensamento pós-colonial imprime a necessidade de repensar a prisão e seus efeitos – desvelando os processos históricos e estruturais que mantêm esse dispositivo –, tomando a raça como um eixo central de análise.

Nesse sentido, Davis (2018) aponta que as prisões são estruturadas pelo racismo e reproduzem as violências coloniais, normatizando as torturas, os maus tratos, a negligência e a segregação das pessoas negras. Dentro das prisões estão os corpos matáveis, ou seja, pessoas abjetas, não dignas de solidariedade ou comoção social. São pessoas que, diante do pensamento vigente, não importam. Essa lógica perversa de hierarquização de humanidades e do direito de matar do Estado é sustentada, na perspectiva de Mbembe (2020), pela necropolítica.

O necropoder legitima as violências do Estado e constrói narrativas alicerçadas na segregação: de um lado, os matáveis; do outro, aqueles que podem viver. Essa hierarquização centra-se nas estruturas que se organizam a partir de desigualdades sociais, em que os que devem morrer – pessoas negras – são estigmatizados negativamente, e se constroem narrativas falaciosas para validar essas mortes como necessárias para a preservação do bem-estar social (MBEMBE, 2020).

Não ingenuamente, as prisões remontam às lógicas coloniais encarcerando e punindo, eminentemente, as pessoas pretas. Em uma perspectiva interseccionada, as mulheres pretas são aquelas com maiores chances de experimentar as faces devastadoras do encarceramento massivo e suas reverberações (BORGES, 2019). Dessa forma, o racismo e o patriarcado, enquanto organizadores da vida e da subjetividade, acentuam as opressões contra as mulheres pretas em situação de cárcere (DAVIS, 2018). Pode-se concluir, como apontam os dados abaixo, que o retrato do encarceramento feminino, no Brasil, sem sobressalto, está alicerçado nas desigualdades ocasionadas pelo colonialismo.

No Brasil, entre os anos 2000 e 2016, a taxa de encarceramento feminino aumentou 656%, levando o país a ocupar a 4ª posição mundial entre as nações com maior população carcerária feminina. Dentre os dados disponíveis para a análise, tem-se que o quantitativo de mulheres encarceradas no Brasil, até 2016, era de 42.355, sendo que a maioria destas eram negras (62%), não tinham acessado o Ensino Médio (66%) e a principal tipificação criminal era o tráfico de entorpecentes (62%) (BRASIL, 2017).

Tal perfil vai ao encontro das discussões supramencionadas, desvelando o poder do racismo e das opressões de gênero em nossa sociedade, que, historicamente, traçou ilações entre raça, gênero e classe social às formas de punir, castigar e criminalizar (BORGES, 2019). Dessa



forma, para romper o pensamento colonial de prisão como sinônimo de castigos, físicos e simbólicos, é imprescindível pensar no cuidado, na reinserção social dessas pessoas e em modelos substitutivos à prisão.

Ademais, para ofertar cuidados a essa população é preciso pôr em destaque essas estruturas, para compreender a historicidade dessas pessoas, sem a égide do discurso essencialista crime-castigo. Enquanto não atingimos as transformações estruturais tão necessárias, a formação profissional contextualizada pode ser um caminho para o enfrentamento dessas problemáticas.

Na psicologia, algumas discussões têm se centrado na necessidade da revisão de conceitos teóricos eurocêtricos e das práticas assistenciais, uma vez que suas raízes brancas e burguesas são impedimentos para uma atuação mais sensível às demandas sociais não hegemônicas. Veiga (2019), ao refletir sobre uma psicologia descolonizada, destaca que é preciso descolonizar os territórios existenciais para além dos geográficos, pois a reprodução das narrativas coloniais conforma as subjetividades e sustenta as opressões. Em especial, os impactos negativos na produção de subjetividade da população negra e suas reverberações desde a escravidão.

Após o sequestro escravocrata, africanas e africanos não só tiveram seus corpos objetificados, como também sofreram ataques e esvaziamentos de sua tradição e cultura. Quando ingressaram no “novo mundo”, seus nomes, cosmovisões e subjetividades foram cerrados e ressignificados, orientados por uma perspectiva ocidental (NASCIMENTO, 2016; NOBLES, 2009).

No entanto, existiram diversos movimentos de resistência ao processo de colonização europeia; entre eles, a formação de quilombos. Quilombo era a denominação dada a locais secretos, de difícil acesso e com abundância de recursos naturais que abrigavam ex-escravos fugitivos (MOURA, 1993). Mais que isso, os quilombos eram, e ainda são, a tentativa dos negros e negras de recuperar sua memória e promover um espaço que os permita afirmar-se humanos e livres, a partir de sua própria cultura e ética (NASCIMENTO, 1980).

Atualmente, aquilombar-se ou o processo quilombista, não pode ser definido somente como um espaço-centro de ex-escravos, mas também como ideia-força em constante atualização, atendendo às exigências do tempo e do meio, que reúne fraternidade, liberdade, solidariedade, convivência e comunhão existencial (NASCIMENTO, 1980). Desse modo, a construção de um novo fazer clínico preto, fundamentado na superação da lógica colonialista,



organiza-se no resgate de práticas antepassadas de luta contra as opressões. O aquilombamento pautado no encontro de psicólogos negros e negras, com vistas à promoção de cuidados a pacientes negros e negras, remonta aos espaços de resistência desenvolvidos pelos ancestrais para a manutenção da cultura, identidade e preservação da saúde mental da população negra (VEIGA, 2019).

Ademais, fomentar o autocuidado e a solidariedade entre mulheres negras encarceradas pode se tornar um instrumento importante de preservação dos laços afetivos e de manutenção da saúde mental, promovendo reflexões acerca da realidade vivenciada por essas mulheres e das dinâmicas sociais presentes no encarceramento. Assim, a experiência ora relatada tem por objetivo apresentar a construção coletiva de oficinas multitemáticas e seus contributos em uma Cadeia Pública Feminina no sertão de Pernambuco.

METODOLOGIA

Esse relato é fruto de registros de diários de campo, notas e materiais produzidos nas rodas com as participantes. Trata-se da descrição de uma experiência de construção de oficinas multitemáticas desenvolvidas em uma Cadeia Pública Feminina localizada em uma cidade do sertão pernambucano. Os espaços de afetos criados foram desenvolvidos por psicólogos e estudantes de psicologia e integram um projeto maior de intervenção intitulado “Projeto de Oficinas Lúdicas no Cárcere”. As ações foram realizadas entre os meses de julho e dezembro de 2019.

Participaram do grupo cerca de 20 mulheres, que foram escolhidas de forma espontânea, a partir do desejo de fazer parte das atividades. Os encontros tinham duração média de duas horas e ocorriam uma vez na semana, na sala onde acontece a Educação de Jovens e Adultos (EJA) da instituição. A sala oferecia condições favoráveis para a promoção de atividades socioeducativas e estava equipada com aparelho de TV, ventilador, cadeiras e mesas, que foram utilizados em alguns encontros.

Algumas regras foram estabelecidas como critérios para poder participar das reuniões, entre elas: respeito pela diversidade de opiniões e diferenças; o número de faltas não poderia ultrapassar três; e o sigilo e confidencialidade acerca dos relatos no grupo. Em muitos momentos, as próprias mulheres recorreram às regras para organizar os encontros. De forma geral, utilizamos o formato de roda de conversa, em que as participantes se sentavam no chão, de forma circular. Esse modelo foi utilizado para dissolver as hierarquias tão presentes no



cárcere e horizontalizar as discussões, permitindo que todos estivessem posicionados frente a frente, promovendo a dialogicidade e a interação entre todos os atores.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os espaços de afeto foram desenvolvidos de forma a construir movimentos de retorno à África e suscitar discussões acerca dos papéis de gênero e autoconceito, abordando os aspectos das representações subjetivas e culturais atravessados pelo pensamento diaspórico. A partir do exposto, organizamos as descrições dos encontros realizados entre julho e dezembro de 2019, por meio de três Categorias de Análise, são elas: 1) Africanidade; 2) Pretas em diáspora; e 3) Auto-observação, autocuidado e o cuidado com a comunidade.

Africanidade

Para o primeiro encontro, foi preparada uma Oficina de Confecção de Bonecas Abayomi. As bonecas Abayomi, surgidas dentro dos navios negreiros, eram confeccionadas pelas mulheres a partir de retalhos de tecido de suas roupas, sendo ofertadas às crianças para acalentá-las ao longo do trajeto. A palavra *Abayomi* vem do Yorubá e significa “encontro precioso”. Pela sua história, as bonecas Abayomi são, na diáspora, símbolos de resistência, afeto e ancestralidade, significados esses que foram explorados durante a oficina.

Interessante pontuar que a Oficina gerou inquietações e paradoxos por parte das participantes. Por um lado, como ocorrem com muitos dos símbolos da cultura africana, as bonecas foram, nas falas dessas mulheres, objetos de reproduções racistas, tendo sido pejorativamente associadas a “bonecas vodu” e “coisas de macumba”. Inclusive, na semana seguinte à roda, um procedimento de revista fez com que surgisse o boato de que a revista se deu pelo “mau agouro” trazido pelas Abayomi.

Considerando a situação anterior, organizamos as nossas falas e posicionamentos a partir dos questionamentos de Kabenguele Munanga (2019), que argumenta que a construção de uma nova consciência não é possível, se não, pela via da autodefinição – quem somos nós? –, esse movimento permite a construção de uma identidade coletiva potente na superação do “sonho do branqueamento”. Logo, a partir do processo reflexivo, apoiamos as mulheres a direcionar o olhar para outros aspectos da atividade em questão. E, paralelamente, as participantes puderam lembrar das suas mães e da dedicação com que se dispunham a confeccionar suas bonecas de pano, bem como dos ensinamentos a que tais memórias remetiam.



A segunda roda visou promover a discussão sobre símbolos, cultura e sociedades africanas, com a exibição do filme *Pantera Negra* (2018). Buscamos desconstruir, a partir da análise fílmica, o pensamento colonial que hierarquiza as humanidades e posiciona o colonizador como detentor do progresso e da razão, sob a égide de que quanto mais as mulheres aceitarem a sua negritão, mais decolonial será a sua visão (ASANTE, 2016).

Mesmo sendo uma obra ficcional, o filme permitiu a reflexão sobre a história dos reinos e civilizações reais que existiram no continente africano antes da invasão colonial, além de contar com um elenco majoritariamente negro, o que facilitou processos de reconhecimento por parte das participantes, diminuindo o sentimento de inferioridade que os constantes ataques aos componentes da cultura negra geram nos colonizados (FANON, 2008; NOBLES, 2009).

Pretas em Diáspora

A oficina supramencionada subsidiou ainda discussões referentes ao lugar ocupado pelas mulheres no filme exibido, reverberando no aprofundamento das discussões dos encontros, a partir da categoria de gênero. Nesse sentido, é importante destacar como a raça constitui elemento que agrava a violência contra a mulher. Essas marcas estão inscritas subjetiva e fisicamente em corpos negros, desde o período colonial até o racismo contemporâneo. A hipersexualização dos corpos negros femininos e a atribuição de culpa diante das violências sofridas são alguns dos resquícios desse processo (AKOTIRENE, 2020).

À vista disso, no encontro seguinte foram discutidas práticas de violência, buscando a reflexão e ampliação dos conceitos de violência a partir da vivência das próprias participantes. O debate em grupo buscou facilitar o reconhecimento de fundamentos sexistas e racistas nas condições de violência que subjugam mulheres negras e a identificação dessas violências nas experiências próprias e nas das companheiras. Assim, construímos um jogo de tabuleiro, inspirado no tabuleiro original do Ludo, elaborado para que elas pudessem, no decorrer da partida, refletir sobre violência contra a mulher a partir de manifestações específicas – violência simbólica, violência psicológica, violência física, violência moral, etc.

Após a narrativa da situação, solicitou-se que as mulheres refletissem, junto aos seus respectivos grupos, se a situação se configurava ou não como violência. O jogo não foi concluído com um grupo vencedor, mas se constituiu num momento aberto e seguro para a partilha de experiências entre as participantes.

No segundo encontro dessa categoria, exploramos um episódio da série de TV “Todo Mundo odeia o Chris” para discutir de forma interseccionalizada as categorias de gênero e raça. No episódio em questão, intitulado “Todo Mundo Odeia Ovos”, o protagonista e seus colegas de classe receberam como atividade escolar o dever de cuidar de um ovo durante uma semana, para aprenderem sobre paternidade e maternidade. Dentre todos os colegas brancos, Chris (que é negro) é o único a receber um ovo marrom, além de ser o único a realizar a atividade sem uma dupla, sob o argumento racista da professora de que, dessa forma, ele teria uma experiência de paternidade mais próxima à sua realidade.

Após a exibição do episódio, foi possível a discussão acerca da maternidade vivenciada por mulheres negras, tanto a partir do lugar de mães negras quanto da posição de filhas de outras mulheres negras. O diálogo atravessou temas como a maternidade solo, o abandono paterno e marital, bem como as violências racistas e misóginas experienciadas por mães negras. Mulheres essas que, quando adentram o cárcere, têm sobrelevadas as suas vulnerabilidades, e incrementam-se as formas de violências sobre esse corpo negro, inclusive em relação aos seus pares brancos (BORGES, 2019).

Os relatos compartilhados possibilitaram também a discussão de como o sistema penal em geral, e o cárcere, em específico, atravessam a experiência da maternidade das mulheres. Quando o sistema colonial elege as mulheres negras para ingressarem nas redes de relações do tráfico, o papel de mãe dessas mulheres passa a ser questionado, pois a concepção de mãe envolve noções de cuidado, proteção e afeto, usualmente associadas à feminilidade, que são opostas aos estigmas atribuídos ao “criminoso” (BORGES, 2019; AKOTIRENE, 2019). A partir do exposto, pode-se inferir que o gênero, no cárcere, torna-se uma tecnologia de tortura.

Auto-observação, autocuidado e o cuidado com a comunidade

A população negra vive em constante sofrimento mental devido às condições precárias de sobrevivência, somadas ao Estado de terror e à perseguição de suas práticas culturais (SILVA, 2005; NASCIMENTO, 1980). Mais especificamente, as mulheres pretas lidam com desigualdades sociais, o racismo e o machismo, o que ocasiona a distorção de sentimentos e percepções sobre si mesmas, repercutindo na saúde física e mental desse grupo (SILVA, 2005; TAVARES; KURATANI, 2019). Essa situação é agravada com a entrada dessas mulheres no cárcere (MORAES; DALGALARRONDO, 2006).

Souza (1983) destaca a importância do resgate da história do sujeito e da recriação das potencialidades deste. Hooks (2006) aponta para a necessidade de uma percepção crítica sobre os sistemas de supremacia branca e sobre a forma como eles operam na interiorização do auto-ódio e da baixa autoestima, por parte dos sujeitos negros. Propõe ainda que o caminho da cura e libertação desse sistema se dá por intermédio do amor. A ética do amor é discutida como recurso de enfrentamento à dor e reforça o valor do autoamor e cuidado ao outro/a como aprofundamento da percepção de si e de outras subjetividades.

Nesse sentido, o nosso primeiro encontro com essa categoria foi construído de forma a facilitar um momento de auto-observação por parte das participantes, promovendo a reflexão delas acerca de suas qualidades, habilidades e de sua criatividade. Foram propostas as seguintes perguntas: “o que me deixa feliz?”, “o que eu faço e costumo receber elogios?” e “o que eu faço de bom para os outros?”.

Durante a atividade, as participantes apontaram qualidades de outras mulheres que, naquele momento, não conseguiam enxergar em si próprias. O movimento do grupo foi o de lembrar atitudes e ressaltar características das colegas que despertavam admiração, trocando palavras de conforto e acolhimento entre si. A dificuldade do olhar sensível e cuidadoso para si foi pontuada durante a discussão, possibilitando a reflexão do cuidado como um caminho que se inicia no indivíduo e se direciona para a comunidade.

Percebemos o quanto era difícil para aquelas mulheres falar sobre afetividade, dar e receber afetos. Até mesmo o nosso comportamento afetuoso, durante as Oficinas, por vezes causou espanto, de modo que uma das mulheres questionou por que nós a tratávamos tão bem. O conjunto dessas falas coadunam nas explicações históricas feitas por Bell Hooks (2000) a respeito dos impactos da escravidão no ato de amar das pessoas negras.

Segundo Hooks (2000), os sistemas de dominação brancos são tão eficazes que influenciam a forma de as pessoas negras viverem o querer e o amor. Desde a escravidão, com a separação forçada das famílias, a venda de filhos e companheiros e as torturas, foi negada às pessoas negras a possibilidade de experienciar de forma plena esses sentimentos. E, mesmo após a escravidão, a precarização dos vínculos associados às condições precárias de vida conformaram o exercício do amor em vulnerabilidade e sofrimento. A própria sobrevivência poderia estar justamente na capacidade de reprimir as emoções.

No encontro seguinte, pedimos que as participantes escrevessem em um papel como se sentiram naquela semana, ou alguma situação de alegria ou angústia que tivessem vivenciado.

Os papéis foram, então, misturados e distribuídos aleatoriamente entre elas. A partir da leitura dos papéis das colegas, pedimos que elas se conectassem ao que tinham lido e compartilhassem com o grupo o que pensavam que a colega que escreveu estaria precisando. A partir disso, as participantes trocaram abraços, aplausos e palavras de acolhimento, reconhecimento e encorajamento.

O último encontro se deu a partir do conto africano sobre a árvore baobá. Uma árvore grande foi desenhada num papel metro e a cada parte da árvore desenhada foi atribuída uma representação: as raízes simbolizavam os valores básicos; o tronco simbolizava as motivações pessoais; os frutos/sementes representavam os sonhos; e, por fim, as folhas caídas, representavam comportamentos, pensamentos e sentimentos que não queriam ou precisavam mais carregar consigo. A partir da simbologia da árvore como algo que cresce em cada um, foram propostas às participantes indagações para que elas pensassem desde seus próprios sentidos.

Destacam-se, nesse encontro, a trocas afetivas e o reconhecimento das suas potencialidades, identificando suas histórias de vida concatenadas e incentivando os sonhos umas das outras. Além disso, o espaço, do qual também participamos como sujeitos ativos, possibilitou a construção conjunta de perspectivas de futuro que conduziram as reverberações para o encerramento dos encontros, efetivando tudo o que foi construído no decorrer das oficinas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto as prisões estão impregnadas do pensamento colonial e da hierarquização das humanidades, o quilombo surge como espaço de resistência, sobrevivência e afirmação. Aquilombar significa criar movimentos contrários às lógicas hegemônicas de dominação e produção de narrativas. Criar espaços de fala para populações historicamente silenciadas, produzir novas subjetividades pautadas na valorização das ancestralidades marginalizadas e, sobretudo, fortalecer o autocuidado entre pessoas negras, de forma a produzir espaços coletivos de afeto e valorização.

Esperamos que a experiência relatada ajude a criar outros espaços de resistência e de construção de afetos, rompendo com as lógicas coloniais de subjugação e extermínio tão presentes no encarceramento. O aquilombamento como estratégia de cuidado mostrou-se uma alternativa viável e potente. O espaço gerado pelas oficinas possibilitou trocas afetivas e a



construção de novas aprendizagens para todos os atores envolvidos. Este relato, para além de sua função acadêmica e pedagógica de instruir outros pesquisadores e instrumentalizá-los para organizar intervenções no cárcere ou em outros cenários de vulnerabilidade, é também um convite à empatia, a uma releitura sensível de uma realidade geralmente distante de nós.

Os impactos dessa experiência também reverberam na formação profissional dos estudantes de psicologia, tornando-os mais sensíveis às demandas expressas por essa população, instrumentalizando-os de forma prática e teórica para a atuação racializada e antirracista. Acreditamos que um novo fazer técnico, sem dúvida, passa pelo processo formativo.

Intentamos, com esforços sistemáticos, reconhecendo que, no presente, ainda vivemos sob as influências coloniais, promover dentro dos encontros rupturas para transgredirmos e também promover tecnologias de cuidado aquilombadas. Por fim, parafraseando o rapper negro Rincon Sapiência, fazemos “questão de botar nesse texto que pretas e pretos estão se amando”, cuidando-se e produzindo novas formas de resistência.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

AKOTIRENE, C. **Ó Pa Í, Prezada**. São Paulo: Pólen, 2020.

ASANTE, M. K. Afrocentricidade como Crítica do Paradigma Hegemônico Ocidental: Introdução a uma Ideia. *In: Ensaios Filosóficos*. Tradução de Renato Nogueira, Marcelo J. D. Moraes e Aline Carmo, v. XIV, p. 9-18, 2016.

BORGES, J. **Encarceramento em massa**. São Paulo: Pólen, 2019.

BRASIL. Ministério da Justiça. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias – Infopen Mulheres**. Brasília: MJ, 2017.

DAVIS, A. **Estarão as prisões obsoletas?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

GONÇALVES, B. D; COELHO, C. M. S.; VILAS BOAS, C. C. **Mulheres na Prisão: Um Estudo Qualitativo**. Curitiba: Appris, 2017.

HOOKS, B. Love as the practice of freedom. *In: Outlaw Culture: Resisting Representations*. Tradução de Wanderson, F. N. New York: Routledge, 2006.



HOOKS, B. Vivendo de amor. *In*: WERNECK, J. (Org.). **O livro da saúde das mulheres negras**: nossos passos vêm de longe – Volume 2. Rio de Janeiro: Pallas/Criola, 2000.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. Madrid: Melusina, 2020.

MOURA, C. **Quilombos**: resistência ao escravismo. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1993.

MORAES, P. A. C; DALGALARRONDO, P. Mulheres encarceradas em São Paulo: saúde mental e religiosidade. **Jornal brasileiro de psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 55, n. 1, p. 50-56, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S004720852006000100007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 jul. 2020.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

NASCIMENTO, A. **O Quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Editora Perspectiva SA, 2016.

NOBLES, W. Sakhu Sheti: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado. *In*: NASCIMENTO, E. L. (org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.

PANTERA Negra. Direção: Ryan Coogler. Produção: Kevin Feige. Intérpretes: Chadwick Boseman; Michael B. Jordan; Lupita Nyong'o; Letitia Wright e outros. Roteiro: Joe Robert Cole; Ryan Coogler. Música: Ludwig Göransson. Califórnia: Walt Disney Studios, 2008. 1 disco *blu-ray* (134 min).

PONTA de lança. Intérprete: Rincon Sapiência. Compositor: S. Costa e A. Silva. *In*: Galanga Livre. Intérprete: Rincon Sapiência. [S.l.]: Boia Fria Produções, 2017. 1 CD, faixa 13.

SILVA, M. L. Racismo e os efeitos na saúde mental. *In*: BATISTA, L. E.; KALCKMANN, S. **Seminário Saúde da População Negra Estado de São Paulo 2004**. São Paulo: Instituto de Saúde, 2005. p. 129-132. (Temas em Saúde Coletiva, 3).

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro**: As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

TAVARES, J. S. C.; KURATANI, S. M. de A. Manejo Clínico das Repercussões do Racismo entre Mulheres que se “Tornaram Negras”. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, n. e184764, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932019000100118&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 jul. 2020.

VEIGA, L. M. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 31, n. SPE, p. 244-248, 2019.



Artigo recebido em: 31 de julho de 2020.

Artigo aprovado em: 2 de setembro de 2021.